



O escritor Xosé Carlos Gómez Alfaro finou na Guarda (Baixo Miño) en 2008.

—Análise

A poesia religiosa de Xosé Carlos Gómez Alfaro



Victorino Pérez Prieto
Teólogo, filósofo
e escritor

Há quinze anos que nos deixou prematuramente Xosé Carlos Gómez Alfaro (1949-2008), um "francotirador no monte difícil da nosa poesía" pela sua liberdade criativa, como tem dito o seu colega em fazer versos Vicente Araguas (Prólogo de *O clamor da eclipse*, 2004). O mesmo Alfaro diz que é "alleo a modas e círculos literarios" (web da AELG). E Xosé Lois García falou da sua "palavra iniciática e redentora" ("Lembrando a Xosé Carlos Gómez Alfaro post mortem", *Galicia Hoxe*, Ag. 2008). É

um dos maiores poetas religiosos da nossa literatura, junto a Cabanillas e Díaz Castro, ou os seus contemporâneos Xosé Antón Miguélez e Manuel Regal. Recolho dele vários poemas no meu livro *Os rios pasan cheos Deus. Poesía religiosa em galego* (Toxosoutos, 2007): "Nosoi Pai", "Pregaria das mans unidas" e "Credo".

Formado no Seminário de Ourense e na Universidade compostelana, foi escritor de poesia e de prosa, mas foi sobretudo poeta. Ele mesmo tem falado do que esta formação supôs na sua vida: "Non quixen ser cura, pero ó seminário débolle moito" ("A modo de autobiografía", web da AELG). E nota-se; a sua poesia é fundamente existencial e religiosa, desde o primeiro poemário em espanhol *De rodillas* (1969) até um dos últimos *Confiteor* (2005). Não em vão entre as suas leituras preferidas estão Rosalía, Cabanillas e Díaz Castro, mas também S. Juan de la Cruz.

Poeta comprometido com a língua galega, os seus poemários —salvo o primeiro— são

— 'Ofertorio de solpores' é um poemário transido de fé religiosa num Deus "silente" e escuro, e com um fundo sentimento existencial

todos em galego: *As labaradas da lembranza* (1996), *Ofertorio de solpores*, *Alba plena do alén*, *Os ciclóns do sino*, *Matria de néboa*, *Pasos cara á alba*, *Alén do lume*, *O clamor da eclipse*, *Confiteor* e *Mar aberto* (2007). A sua obra poética foi recolhida nos dous volumes de *Poesía galega toda* (2009).

Curiosamente, foi Xesús Alonso Montero, reconhecido agnóstico, dos primeiros em valorar muito positivamente esta poesia em grande parte religiosa. Vicente Araguas fala dela como social e religiosa, solidária e humana, "dun extraño humanismo no que se mesturan palabras bíblicas com estoupidos persoais". A poesia de Alfaro manifesta uma busca apaixonante de Deus, entre o silêncio, a noite e "unha alba plena neste alén florido", que o situa entre os poetas mais fundamente religiosos da nossa poesia. Isto salienta em dous poemários: *Ofertorio de solpores* (1999) e *Confiteor* (2005).

A relação com Deus, já no seu primeiro poema

Ofertorio de solpores, dedicado ao seu filho Daniel, é um poemário transido de fé religiosa num Deus "silente" e escuro, e com um fundo sentimento existencial: "Non sei por que/ me chaman noite. Tal vez pólo

devalo que se deita./ meu Deus, como unha fouce/ nas leiras da conciencia". A relação com Deus aparece já no seu primeiro poema: "Ofrecinche, meu Deus, as labaradas/ lúgubres que habitaban a memoria". No segundo: "Acó tes, Deus silente, estas ruínas/ miñas, vougos cascallos cancerosos,/ a agardar no peirao eses piadosos/ confortos e esas naus diamantinas". Etc. O poeta busca a Deus com autêntico deveso: "Coido que vou ás veces cara a Ti/ e, sem embargo, galeón da gloria/ non te acho vivo, vivo por ningures/... canto mais te invoco mais te agochas/ e canto mais te ocultas mais deveso". Mas conclui o poema "Santo Cristo": "Meu santo Cristo vivo e envolvente". E noutro poema di: "Ti non es noite nin tropezo/ non es atrocidade nin es medo,/ non es flaxelo, xeo e tirania". Pero, sobretudo, salienta sua fé religiosa nos versos de "Nosoi Pai": "Vem axiña que sangramos/ de rodarmos coma croios/ entre tetricos calvários". E na "Plegaria das mans unidas": "Ti sabes que nos faltan mans, Deus,/... pra sementármolas gándaras de amor".

Confiteor é um poemário ainda mais pessimista e fundamentalmente rebelde contra um Deus ao que acusa de ter-lhe arrebatado injustamente o seu filho: "Ti si que faltaches, aberrante,/ roubándome aquel fillo.../ Ti si que es um traidor". O poemário está também transido duma funda fé religiosa: "¿... non ves como por Ti este meu peito arde?"; "Ti-ven e teño sede, meu Deus.../... non hai odres/ que calmen esta febre divinísima". Pero aqui o poeta chega a dizer: "Acúsome, meu Deus, de te matar/ hai moitos anos, moitos, ó segares/ con premeditación e aleivosia/ aquela supernova desbordante". Porém, logo, após ter dito noutro poema "non perdin a fe/ nin as ansias do alén", conclui com os versos; "Velaquí, meu Señor, o que gañei/ durante tantos lustros de labranza: unha alba plena neste alén florido/ e unha rosa que agarda esta chamada". Em fim, o poemário tem também um "Credo" com magníficos versos como estes: "Creo en Ti/ por sére-la luz única dos parias, a redención total dos oprimidos".

Gómez Alfaro vem ser a outra cara da poesia religiosa que faz Díaz Castro, a deste uma poesia mística.